



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA  
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE  
CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA NATUREZA

**MARIA SIMONE FRUTUOSO DE SOUSA**

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO  
DO CAMPO**

**Brasil Novo  
2018**

**MARIA SIMONE FRUTUOSO DE SOUSA**

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO  
DO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Etnodiversidade, curso de Educação do Campo, como requisito de conceito parcial, para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Educação do Campo sob orientadora da Professora Ma. Fabíola Aparecida F. Damacena.

**Brasil Novo  
2018**

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO  
DO CAMPO**

**APROVADO EM:** \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Fabiola Aparecida F. Damacena  
Orientadora - UFPA

---

Prof. Dr. Felipe Bittioli R. Gomes  
Examinador interno - UFPA

---

Prof. Ma. Ana Paula S. Souza  
Examinador interno– UFPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

FRUTUOSO DE SOUSA, MARIA SIMONE  
ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO /  
MARIA SIMONE FRUTUOSO DE SOUSA. — 2018  
35 f. : il. color

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário de  
Altamira, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2018.  
Orientação: Profa. MSc. FABIOLA APARECIDA FERREIRA DAMACENA

1. Estágio Supervisionado. 2. Educação do Campo. 3. Formação docente. I. FERREIRA DAMACENA,  
FABIOLA APARECIDA, *orient.* II. Título

---

CDD 370.917340981

Dedico aos meus familiares, pais, irmãos, cunhadas, filho e esposo que me apoiaram e me deram forças para que eu pudesse concluir mais essa etapa da minha jornada.

Dedico aos meus amigos Daiane, Deborah, Diego e Erica do Curso Educação do Campo, pois me apoiaram nos momentos mais importantes da minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter me concedido esta oportunidade de poder concluir esse curso, por ter me dado forças para vencer todos os desafios que surgiram ao longo de mais esta etapa de minha vida.

Agradeço a minha família pelo apoio, pois nos momentos difíceis, foram eles que me incentivaram a não desistir.

Agradeço os colegas de curso pelo apoio durante essa jornada, pelo companheirismo em todas as horas, nos momentos fáceis e de dificuldade.

Agradeço a todos os professores que ao longo do curso, ministraram disciplinas de forma significativa, as quais contribuíram muito para minha formação.

## RESUMO

Este trabalho é fruto dos estágios supervisionados a partir de uma relação teoria e prática no âmbito do curso de Educação do Campo da Faculdade Etnodiversidade da Universidade Federal do Pará, campos Altamira. O mesmo foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Boa Esperança, no Município de Brasil Novo - PA. O objetivo foi realizar uma reflexão sobre as contribuições que os estágios trouxeram e trazem para nossa prática docente, de modo que possamos ressignificar nosso olhar sobre nossas práticas pedagógicas. A metodologia usada foi de cunho qualitativo, as informações foram sendo coletadas ao longo dos estágios supervisionados, assim como entrevistas com professores e estudantes da educação básica. Além destes instrumentos, utilizei também como fonte de pesquisa o Projeto Pedagógico do Curso Educação do Campo, as guias dos estágios supervisionados e os referenciais teóricos relacionados as práticas de estágio. O estágio supervisionado é um momento oportuno para pôr em prática todos os conhecimentos teóricos aprendidos ao longo do curso. Os estágios possibilitaram a vivenciar outras realidades e adquirir novos aprendizados acerca da docência.

**Palavras-chave:** Estagio Supervisionando. Formação docente. Educação do campo.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
<b>1. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO</b>	<b>9</b>
<b>2. A COMUNIDADE E A ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO</b>	<b>14</b>
2.1. Histórico da Comunidade Nossa Senhora de Nazaré	
2.2. Um breve histórico da Escola Boa Esperança	15
<b>3. O PERFIL DOS PROFESSORES DA ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO: APRENDIZADOS E DESAFIOS</b>	<b>18</b>
3.1. Perfil dos professores da Escola Boa Esperança	
3.2. Aprendizado adquirido a partir do estágio supervisionado e com os professores do curso educação do campo	23
3.3. OS desafios encontrados ao longo dos estágios	29
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido a partir dos estágios supervisionados realizados em uma escola localizada no campo no município de Brasil Novo e objetiva refletir sobre as contribuições que os estágios do curso de Licenciatura em Educação do campo trouxeram para minha formação como docente. A partir de dados e análises reflete-se sobre como são ministradas as aulas na área das Ciências da Natureza, quais são os perfis dos profissionais da escola campo de estágio e como estabelecem-se as relações entre professor-alunos e os desafios enfrentados na rotina docente.

Este Relato de Experiência foi desenvolvido a partir da prática de estágio vivenciada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Boa Esperança (EMEF Boa Esperança). O mesmo será dividido em três partes, onde: na primeira parte será realizada uma discussão com base em alguns teóricos sobre a importância do estágio supervisionado para formação do futuro profissional da educação; na segunda parte será construído um breve histórico sobre a escola e a comunidade, ambos campos dos estágios supervisionados; na terceira parte discutiremos o perfil dos professores da EMEF Boa Esperança com os quais tivemos a oportunidade de realizar os estágios, além de refletirmos também sobre suas contribuições para prática docente e sobre os desafios enfrentados ao longo dos estágios.

A EMEF Boa Esperança localiza-se no município de Brasil Novo – Pará, na agrovila da vicinal da 16, há 9 quilômetros do Centro Urbano de Brasil Novo. Esta é a única escola da comunidade. A metodologia usada para desenvolver este trabalho foi de cunho qualitativo, e as informações foram sendo coletadas ao longo dos estágios, entre 2015 e 2017, correspondendo a três anos consecutivos de pesquisa. Neste período foram realizadas a observação não participante, as entrevistas com professores e estudantes da educação básica e os estágios supervisionados, divididos em observação e regência de classe, cujos relatórios embasam em parte este trabalho.

Além destes instrumentos, serviram como fonte de pesquisa o Projeto Pedagógico do Curso Educação do Campo, as guias dos estágios supervisionados e os referenciais teóricos relacionados às práticas de estágio. Todas essas fontes contribuíram de forma significativa para construção deste trabalho.

## I

### **1 A importância do estágio supervisionado no curso de Licenciatura em Educação do Campo**

De acordo com o que estabelece a LDBN nº 9.394/96, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Formação Docente, o estágio supervisionado, tem carga horária de 400 horas. Sendo quase constitui na oferta da vivência e do exercício profissional da docência e nas áreas de conhecimento, sob orientação e acompanhamento de professores e articulado ao planejamento das instituições de educação básica.

O estágio de regência de classe foi planejado a partir de projeto didático elaborado ainda no Tempo Universidade, servindo de suporte para orientar as atividades que seriam executadas em determinado semestre, sendo essas feitas a partir de situações-problema identificadas durante as pesquisas dos Tempos Comunidade. Estes planejamentos foram montados a partir de um breve diagnóstico feito na comunidade foco do estágio.

Para a execução desse estágio supervisionado também fiz análise nas guias de estágios que orientavam essa atividade. Além disso, ainda no momento de orientação do estágio, ministramos micro aulas afim de nos prepararmos para a regência nas escolas do campo, adquirindo-se assim um saber-fazer prático, ou seja, de competências e habilidades didáticas para a condução de uma aula.

De acordo com Costa (2010, p. 1), para se fazer um bom planejamento tem que se levar em conta a realidade em que os alunos estão inseridos, o ambiente escolar, a comunidade, seus problemas, necessidades e diversidade cultural. Então, os planejamentos didáticos preparados no Tempo Universidade para serem trabalhados nas escolas do campo foram organizados a partir dos dados observados no Tempo Comunidade anterior.

Assim, durante os estágios, esses planejamentos desenvolvidos ainda em Tempo Universidade, nem sempre davam certo, pois quando chegávamos na escola já havia passado o bimestre e os conteúdos correspondente a esse período. Sendo assim era preciso refazer um novo planejamento que correspondesse esses novos conteúdos.

O estágio supervisionado, conforme apontam Scalabrin e Molinari (2003, p. 2), que é obrigatório, fazendo parte da grade curricular do curso de licenciatura e pode ser desenvolvido em escolas públicas e privadas. Os estágios têm como objetivo contribuir com

o processo de formação do perfil do professor para atuar nas escolas e assim desenvolver um bom trabalho.

Percebe-se também que uma das finalidades dos estágios é conhecer o contexto escolar, as turmas, e a maneira que o professor regente trabalha e se relaciona com os alunos. Sendo que é o momento de colocar em prática os conhecimentos científicos e teóricos adquiridos na universidade.

Assim, o estágio supervisionado proporciona ao licenciado o domínio de instrumentos teóricos e práticos imprescindíveis à execução de suas funções. Busca-se, por meio desse exercício beneficiar a experiência e promover o desenvolvimento, no campo profissional, dos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos durante o curso nas instituições superiores de ensino, bem como, favorecer por meio de diversos espaços educacionais, a ampliação do universo cultural dos acadêmicos, futuros professores. Outros fins previstos nessa proposta são: desenvolver habilidades, hábitos e atitudes relacionados ao exercício da docência e criar condições para que os estagiários atuem com maior segurança e visão crítica em seu espaço de trabalho (SCALABRIN; MOLINARI, 2003, p. 3).

Como ressaltam as autoras, são importantes os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos ao longo do curso de licenciatura. Desta maneira o futuro docente vai adquirir habilidade para exercer sua função na escola. Estes conhecimentos são fundamentais para que os futuros professores possam exercer suas práticas pedagógicas com segurança.

Conforme o Projeto Pedagógico do Curso, a prática de estágio é o fazer didático-pedagógico, cujo conteúdo é perpassado por uma visão de mundo, de educação, de ser humano, ou seja, por uma teoria que o orienta, conforma e significa.

Portanto, o papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreenderem os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si mesmos como profissionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir, transformando os. (PIMENTA; LIMA, 2005/2006, p. 12).

Para as autoras, o futuro professor tem que ter domínio da parte teórica dos conteúdos e assim terá uma visão geral de mundo e conseguirá desenvolver um bom trabalho em sala de aula, uma vez que estes embasamentos teóricos o orientem no desenvolver de suas aulas práticas e sejam suficientes para interferir no processo educacional positivamente

Segundo Borssoi (2008, p 7), o professor precisa saber desenvolver habilidades que condizem com a prática em sala de aula, assim usando os conhecimentos teóricos e práticos

para adquirir resultados positivos no ensino e aprendizagem. Por esse motivo o professor deve ter conhecimento científico, conhecimento prático e conhecimento técnico. Deste modo, os cursos de licenciatura devem proporcionar conhecimentos práticos e teóricos ao futuro professor.

Mediante o Estágio Supervisionado pode-se colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da graduação. “O estágio sempre foi identificado como parte prática dos cursos de formação de profissionais em geral, em contraposição à teoria” (PIMENTA; LIMA, 2005/2006, p. 6). Então, o estágio supervisionado é fundamental nas licenciaturas, onde os alunos têm a oportunidade de pôr em prática toda a teoria que vivenciou durante o curso.

Pensar no papel do estágio nos cursos de formação de professores é uma tarefa difícil, porém deixa-se claro que um bom professor não se faz apenas com teorias, mas principalmente com a prática, e mais ainda, pela ação-reflexão, diálogo e intervenção, em busca constante de um saber teórico e saber prático. Como também, o saber docente não é só formado pela prática, mas nutrido pelas teorias. (BORSSOI, 2008, p.10).

Segundo o autor anterior, o estágio supervisionado é um momento determinante para o professor refletir sobre suas práticas pedagógicas e, a partir dessas reflexões buscar de forma constante novas informações. É interessante que o futuro professor tenha domínio dos conhecimentos teóricos, assim também como os conhecimentos práticos em sala aula.

Para Januário (2008, p 5), o estágio supervisionado é considerado um elemento de estudo e reflexão, que por meio dele o futuro professor passa analisar a educação com outro olhar, buscando entender o contexto geral da escola o comportamento dos membros escolar e criar alternativas para intervir positivamente.

Durante o Tempo Universidade tive a oportunidade de ministrar micro aulas, as quais contribuíram muito para as aulas de regência ao longo dos estágios. Devido tratar-se de uma atividade supervisionada por um professor da universidade, este destacava pontos que precisavam ser melhorados em outras aulas, nos direcionando a uma profunda reflexão sobre nossas práticas docentes, sobre nossos erros e acertos.

Acredita-se que o estágio precisa caminhar nesse rumo, ou seja, numa visão dialética, onde professores/orientadores e alunos/acadêmicos possam argumentar, discutir, refletir e dialogar com as práticas vivenciadas na escola. Pensar na formação docente é pensar na reflexão da prática e numa formação continuada, onde se realizam saberes diversificados, seja saberes teóricos ou práticos, que se transformam e confrontam-se com as experiências dos profissionais. Portanto, é através desses confrontos que acontece a troca de experiências e onde o professor reflete sua prática pedagógica. (BORSSOI, 2008, p 4).

Conforme discute o autor, o estágio é um momento que pode ser visto como uma troca de experiências entre professores, estagiários e alunos. Juntos estes podem pensar em alternativas que venham a contribuir para a melhorar o contexto educacional.

Notamos que tanto o estágio de regência quanto o estágio de observação são fundamentais para futuro profissional da educação. O estágio de observação, por sua vez, tem o objetivo de conhecer o ambiente escolar no geral. “O professor, aprende sim, pela observação, imitação e reprodução daquilo que é observado, através do estágio. Porém, é preciso reflexão analítica sobre aquilo que se faz e conhecimento teórico-prático” (BORSSOI, 2008, p.7).

O futuro professor, por meio do estágio de observação, tem a opção de absorver apenas aquilo que deu certo para o ensino e aprendizado dos seus alunos. As práticas que não deram tanto certo servem para o professor refletir o que pode ser acrescentado para melhorar sua regência.

Os estágios visam uma aproximação dos futuros professores com o âmbito escolar e tem como finalidade manter uma relação entre professor, alunos e comunidade em geral. De acordo com Scalabrin e Molinari (2003, p. 4), o estágio é a primeira experiência de formação na vida do docente, possibilitando a esse graduando as primeiras noções do contexto escolar real, vivenciando os desafios e as alegrias do ambiente escolar.

Um dos principais objetivos do estágio supervisionado é ampliar os conhecimentos acerca da prática docente, por isso deve ser feito com compromisso, como afirmam as autoras abaixo:

O aprendizado é muito mais eficiente quando é obtido através da experiência; na prática o conhecimento é assimilado com muito mais eficácia, tanto é que se torna muito mais comum ao estagiário lembrar-se de atividades durante o percurso do seu estágio do que das atividades que realizou em sala de aula enquanto aluno. Na efetiva prática de sala de aula o estagiário tem a possibilidade de entender vários conceitos que lhe foram ensinados apenas na teoria. Por isso, o estudante deve perceber no estágio uma oportunidade única e realizá-lo com determinação, comprometimento e responsabilidade. Seria apenas um desgaste caso não houvesse interesse em aprender e preparar-se para a futura profissão. (SCALABRIN; MOLINARI, 2003, p. 2)

Como citam as autoras o estágio supervisionado é momento privilegiado na vida dos estudantes. Por isso, temos que valorizar e dedicar-se, afim de nos tornarmos profissionais bem preparados para exercermos nossas funções pedagógicas.

O estágio supervisionado é uma das ferramentas que mais contribuem para a formação docente, pois a partir dele é possível pensar em novas discussões que possam contribuir para o ensino de qualidade nas escolas. Durante os estágios me dediquei para fazer o melhor pelo ensino e aprendizagem dos alunos da EMEF Boa Esperança.

O estágio supervisionado é mais uma experiência prática da docência, o qual contribui na formação da identidade do educador. O estágio vai muito além de cumprir o currículo obrigatório da licenciatura, pois é um momento de reflexão, análise e de aprendizado sobre a docência (ULIANA, 2009, p. 11).

## II

### 2 A comunidade e a escola campo de estágio

#### 2.1 Histórico da Comunidade Nossa Senhora de Nazaré

O Estágio Supervisionado foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Boa Esperança, a qual é uma escola pública localizada no campo. Esta situa-se na Comunidade Nossa Senhora de Nazaré, no Município de Brasil Novo (PA), às margens da Rodovia Transamazônica (BR-230), na Vicinal 16, a 10 km do centro urbano (Brasil Novo).

Essa comunidade foi fundada aproximadamente na década 1970 com a vinda de migrantes de várias regiões do Brasil, principalmente da região do Nordeste em que estes fugiam da seca. Muitos chegaram ainda na década 1960 neste local. Nesta localidade enfrentaram vários desafios na busca pela melhoria de qualidade de vida.

Segundo os moradores dessa comunidade, a Igreja Católica teve um papel relevante na colonização desta região, pois foram os padres que incentivaram e deram apoio moral para que permanecessem neste lugar. Como ressaltam os moradores mais velhos, as famílias desta localidade eram bastante unidas ajudando-se, afim de superarem as dificuldades e garantirem sua permanência na comunidade.

Os primeiros moradores desta comunidade passaram por momentos complicados, como por exemplo: a falta de assistência técnica na agricultura; estradas mal conservadas; a falta de energia elétrica; educação precária; além disso, o posto de saúde e o comércio eram muito distantes. Atualmente, muitas coisas melhoraram devido as lutas dessas pessoas por dias melhores.

Esta comunidade tem aproximadamente 500 habitantes. Por ser uma comunidade fundada por pessoas de diferentes regiões, trouxeram consigo culturas distintas, surgindo uma miscigenação de culturas que contribuiram muito para o desenvolvimento local. Essa comunidade já perdeu alguns pioneiros que vieram na década de 1960 e 1970 para a região e em especial, para a vicinal 16. Porém, os seus filhos permanecem nos lotes que estão sendo repartidos em chácaras entre os herdeiros.

Em relação a economia desta comunidade, a mesma está baseada no cultivo do cacau que constitui a principal renda das famílias da comunidade, sendo uma das vicinais que mais vende esse produto. Além disso, tem famílias que lidam com a criação de gado e também

com a criação de animais de pequeno porte como porcos e galinhas. Algumas ainda cultivam lavouras anuais de feijão, arroz e mandioca.

Essa comunidade desenvolveu-se muito e hoje possui escola, estradas, energia elétrica, comércio, igrejas de diferentes congregações. Os moradores têm residências razoáveis, quase todos moradores têm suas motocicletas ou até mesmo carros. Muitos filhos e netos desses pioneiros estão conseguindo se formar e voltar para comunidade para trabalhar, principalmente na educação.

Segundo os moradores, há algumas coisas que precisam ser melhoradas na Vicinal 16, como posto de saúde, agente de saúde com melhor qualificação, mais salas de aulas, lugar de lazer para jovens (quadra de futsal e de vôlei), mais políticas públicas voltadas para o campo que incentivam os pequenos agricultores a permanecerem no campo como financiamentos, estrada até o final dos seus lotes para ajudar a escoar seus produtos, energia até no final do lote e educação específica para as pessoas que vivem no campo sem precisar se ausentar da sua propriedade em busca de estudo.

## **2.2 Um breve Histórico da Escola Municipal de Ensino Fundamental Boa Esperança**

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Boa Esperança localizada na agrovila da vicinal 16, foi construída ainda na década de 1970, juntamente com outras obras construídas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), na agrovila da vicinal 16. Essa escola era apenas um barracão de madeira, aberto e coberto por telhas.

Os primeiros professores dessa escola tinham cursado apenas as séries iniciais do fundamental, mas já ministravam aulas devido às dificuldades para sair em busca de formação. Eram moradores da própria comunidade. O número de habitantes desta localidade era bem reduzido devido à pouca infraestrutura que apresentava na localidade.

Já no final da década de 1990 a comunidade foi contemplada com um novo prédio escolar que funciona até os dias atuais. Então a partir da construção dessa escola melhorou a qualidade de ensino na comunidade. Seque abaixo a imagem da Escola Boa Esperança.

Figura 1 Escola Boa Esperança da vicinal 16.



Fonte: Arquivo pessoal, no ano 2015.

Como podemos perceber na imagem acima, o prédio da Escola Boa Esperança é de porte médio, de alvenaria, pintada, com piso de cimento, janelas de madeira, duas dessas salas são cobertas de telhas do tipo Brasilit e uma sala com cobertura de telha feita de barro. A mesma está dividida em três salas de aulas, uma cozinha, na qual há uma dispensa e ambas são pequenas, uma sala que funciona como uma secretaria, corredor, banheiros internos, escadas e rampa do lado esquerdo da imagem.

Apesar da EMEF Boa Esperança ter essa infraestrutura, tudo é muito pequeno dificultando o trabalho dos funcionários. Por exemplo, a secretaria e a cozinha dificilmente comportam duas pessoas pois o espaço é pequeno. Essa escola não tem refeitório, mas por outro lado, tem energia elétrica, água encanada e internet. Não possui computadores para os alunos acessarem a internet e realizarem suas pesquisas.

Os recursos pedagógicos existentes na escola são: um computador de mesa, três impressoras, uma fotocopadora, dois *Data shows*, duas caixas de som (uma grande e outra pequena), uma discoteca, livros de literatura e didáticos, mesmo que sejam poucos, quadro branco, pinceis, lápis, folhas de papel sulfite e jogos de algumas áreas de conhecimento, como de português e matemática.

Quanto ao mobiliário da escola encontram-se cadeiras, mesas de plástico para cada aluno, quadro branco, ventiladores nas salas de aulas, bebedouros, pia interna, filtro purificador, fogão, armário, geladeira, freezer, entre outras.

A Escola Boa Esperança oferta o Ensino Fundamental completo, e funciona pela manhã e pela tarde. Atende aproximadamente 83 alunos, todos moradores da comunidade local. A mesma se encontra com 14 funcionários, sendo 10 professores (um destes é responsável pela escola), sendo que apenas dois destes não moram na localidade e os outros 4 são auxiliares de serviços gerais.

### III

## 3. O perfil dos professores da escola campo de estágio: aprendizados e desafios

### 3.1 Perfil dos Professores da Escola Boa Esperança

Durante os três estágios supervisionados na escola Boa Esperança, tive a oportunidade de estagiar com três professores diferentes, durante três anos consecutivos. O primeiro estágio foi em uma turma de 9º ano, o segundo em uma turma do 6º ano e o terceiro, novamente, em uma turma do 9º ano.

Quanto aos perfis dos professores da EMEF Boa Esperança têm alguns aspectos que são semelhantes. Será descrito o perfil de cada educador consecutivamente ao longo do texto, sendo o primeiro o educador da turma do 9º ano de 2015, o segundo docente da turma do 6º ano e o terceiro professor da turma do 9º ano de 2017.

O 1º estágio ocorreu no 3º Tempo Comunidade durante o segundo semestre de 2015, na Escola Boa Esperança. O objetivo desse estágio foi analisar como estava sendo desenvolvido o ensino de ciências em sala de aula em uma escola do campo. Para isso empregou-se a metodologia de pesquisa de campo por meio do instrumento da observação *in loco* e entrevista semiestruturada com docentes, alunos e responsável por alunos.

Este estágio foi realizado na turma de 9º ano, apenas na área de ciências, que se divide em química e física. A turma era composta por sete alunos, todos adolescentes com a faixa etária entre 13 e 15 anos, sendo quatro do sexo feminino e três do sexo masculino. Esses estudantes são moradores da vicinal da 16 e filhos de agricultores.

O educador do 9º ano é do sexo feminino, com cerca de 22 anos de idade, e residia na comunidade. Estava no seu 2º ano de trabalho na docência e encontrava-se cursando química pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Observou-se que os alunos gostavam dessa professora, devido ela ser uma pessoa calma, que entende os problemas dos estudantes, que os ouve e em nenhum momento, a vi sendo arrogante com os alunos, notando uma boa relação entre eles.

De acordo com os PCNs (1998, p 25), o diálogo é uma arte que precisa ser ensinada e cultivada e a escola um lugar privilegiado. Por meio do diálogo é possível propor mudanças que vem contribuir no aprendizado dos alunos. A escola é um caminho que possibilita aos alunos observar, registrar, representar, interpretar, questionar e propor novas formas de atuação em um contexto significativo, analisando sua realidade e estabelecendo relações.

A metodologia de ensino da professora eram aulas expositivo-dialogadas, por meio de apresentação em *slides* e utilização de vídeos. Percebeu-se que os alunos se mostram interessados na apresentação de vídeos e das imagens nos *slides* e o quanto as tecnologias em sala de aula podem contribuir com as práticas dos professores. Por outro lado, temos que saber manuseá-las, uma vez que a professora perdeu em média de 15 minutos só para organizar os aparelhos.

Para as autoras Brito e Purificação (2011, p. 58), “a Tecnologias na educação são todos os artefatos que fazem parte da realidade de muitas escolas do nosso país, e que são utilizados no processo ensino-aprendizagem”. Essas ferramentas contribuem para que o professor possa ministrar boas aulas e contribuir com a formação dos alunos, não importando se é uma tecnologia simples ou sofisticada, o importante é saber manuseá-las de forma correta que possam contribuir para novos conhecimentos dos educandos.

Às vezes, a professora passava trabalhos extras, mas alguns alunos não faziam porque não tinham livros didáticos ou internet para pesquisar. A realidade é que poucos alunos do campo têm acesso à internet, e a escola neste período também possuía o serviço. Além disso, não tinha livros didáticos e nem mesmo biblioteca, assim tornando difícil aos alunos pesquisarem e terem acesso a novas informações. Mesmo assim a professora ministrava as aulas com os recursos que tinha possuía.

Segundo Bonilla (2011, p. 289), boa parte das escolas do campo tem infraestrutura precária, é carente em matérias didáticos, assim como os tecnológicos e não tem biblioteca. Dessa forma dificulta a aprendizagem dos alunos. Apesar dos desafios a professora não desanima e a mesma se esforça para fazer um bom trabalho. Muitas vezes ela usou o próprio celular (internet pessoal) para fazer pesquisa e trazer novas informações para os alunos.

O 2º estágio ocorreu no 5º Tempo Comunidade, sendo também de observação e de regência de classe, na mesma escola, com início em agosto e término em outubro de 2016. O estágio foi na turma de 6º ano na disciplina de ciências, sendo que a turma era composta por 12 alunos, sendo 8 do sexo masculino e 4 de sexo feminino, com a faixa etária variando entre 11 e 15 anos. Esses educandos são filhos de moradores da comunidade local.

O estágio de observação teve como intenção fazer uma análise da turma em relação ao nível de conhecimento, comportamento, dificuldades e perspectivas, além da relação entre alunos e professores e alunos com alunos. Com base nessas informações foi possível fazer o planejamento para ministrar as aulas nesta turma.

O docente do 6º ano é do sexo feminino, tem aproximadamente 40 anos, é graduada pelo Curso Educação no Campo pelo Instituto Federal do Pará (IFPA) na área das Ciências Humanas, e também é moradora da comunidade.

Tem uma boa relação com os alunos, e quando necessário fala firme, sendo uma professora bastante crítica na questão disciplinar dos alunos e da pouca participação dos pais na vida escolar dos filhos. Percebe-se que a professora é preocupada com essa ausência de alguns pais no processo de formação dos educandos, e ressalta que a escola faz sua parte e a família tem que cumprir com a sua responsabilidade.

Conforme o artigo 205 da Constituição Brasileira (1988) que deixa claro que a escola junto com a família, a sociedade tem obrigação de contribuir com uma educação de qualidade para os estudantes. Para que esses educandos se tornem cidadãos capazes e qualificados para ir além do mercado de trabalho, que se tornem cidadãos conscientes de seus direitos e deveres. Portanto, a responsabilidade pela educação não é apenas da escola, mas também da família em interferir e ajudar no processo de formação dos discentes.

A metodologia usada eram aulas expositivo-dialogadas, com a utilização de livros didáticos, mesmo que não havia livros em quantidade suficiente para todos alunos. A professora fazia muito uso do quadro branco, principalmente para explicar e corrigir as atividades das aulas. Sempre que possível contextualizava os temas abordados com a realidade dos alunos, que participavam durante as aulas, fazendo perguntas e trazendo exemplos de seu cotidiano.

A Lei de Diretrizes Básicas da Educação, em seus artigos 23, 26, e 28 “propõe uma escola específica às peculiaridades do campo com —conteúdos curriculares e metodologias apropriadas reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural” (MARSCHNER 2014, p 46). Assim como os artigos da LDB que sugerem que as particularidades das escolas do campo sejam respeitadas, os currículos e a metodologias devem ser ajustados para atender os sujeitos do campo.

Para Eyng (2007, p 30), uma das definições de currículo é entendido com uma lista de conteúdos organizados em sequência lógicas, o qual o professor deve seguir, com objetivo de possibilitar aos estudantes obtenham novos conhecimentos, a cerca desse conteúdo.

Segundo Bonilla e Halmann (2011 p 287), um dos problemas da educação do campo está relacionado ao currículo, devido este desvinculado da prática dos povos do campo. Este currículo é pensado a partir de uma visão urbana, privilegiando a educação das escolas das cidades.

Este currículo pode ser adaptado para escolas localizadas no campo e o professor tem autonomia, para trazer esses conteúdos para mais próximo do contexto dos alunos. Desse modo, o aluno sente-se mais à vontade para participar, o que facilita seu aprendizado.

Ao longo das aulas também percebemos que a professora tem domínio sobre os assuntos explorados e escreve muitos textos no quadro. Acredito que porque tem poucos livros em sala ele, passa muitas atividades para casa, sendo essa também uma forma de avaliar os alunos. “Assim, avaliar a aprendizagem do aluno significa, concomitantemente, avaliar o ensino oferecido” (BOTH 2008, p. 120). Essa avaliação também serve para avaliar a professora se os conteúdos ensinados estão sendo aprendido pelos alunos.

Notei que a professora não gosta muito de usar os recursos como *Datashow*, caixa de som e computador. Mas, cada professor tem suas metodologias e formas de ensinar, o importante é que os alunos consigam apreender. Além disso, o uso de tecnologias não garante que haja aprendizado por parte dos alunos.

O3º estágio foi desenvolvido no 6º Tempo Comunidade, com início em março de 2017 com término em abril de 2017. Tendo objetivo similar aos anteriores, diferente apenas a turma. Esse estágio foi feito na turma do 9º ano na disciplina de ciências que se divide em química e física. A turma possuía sete alunos, sendo quatro do sexo feminino e três do sexo masculino, com faixa etária entre 13 e 18 anos de idade. Esses alunos são filhos de agricultores, alguns desses ajudam suas famílias nas práticas agrícolas.

O educador da turma do 9º ano é de sexo masculino, tem aproximadamente 30 anos, não mora na comunidade, mas também reside no campo. Está cursando o Curso Educação do Campo, Ciências da Natureza pela UFPA.

Também tem uma boa relação com os alunos, é uma pessoa calma, paciente e demonstra muita responsabilidade com suas aulas. Notou-se que faz os planejamentos devido a forma que conduz as aulas com segurança e objetividade. O planejamento é ato de pensar como ocorrerá uma determinada aula. É fundamental que haja um bom planejamento para desenvolvimento das aulas. De acordo com Costa (2010, p. 1):

O segundo passo para o bom planejamento é levar em conta a realidade da qual fazem parte professores, escola e alunos. Em termos gerais, isso significa considerar aspectos sociais da comunidade, problemas e necessidades locais e, por fim, a diversidade dentro da sala de aula. A questão da diversidade vai além das questões culturais e de vivência. Inclui os diferentes graus de conhecimento entre os alunos sobre determinado conteúdo.

Como cita a autora, um bom planejamento tem que ser feito a partir de conhecimento prévio do professor em relação à turma e a escola. Desse modo, levando-se em conta a realidade local dos educandos e considerando suas diferenças em sala de aula, sejam elas em termos de nível de conhecimentos, ou questões culturais. Com base nesses conhecimentos, o professor vai poder desenvolver melhor suas aulas e contribuir para a educação desses sujeitos.

A metodologia do docente é bem variada: usa *slides* para apresentação de alguns conteúdos, utiliza também livro didático e quadro branco para as aulas dialogadas. Para cada aula ministrada o professor explica uma parte teórica, ou seja, de conceitos que são fundamentais e em outro momento realiza a parte prática para reforçar os conteúdos estudados.

Notei que dessa forma os alunos conseguem fixar mais os assuntos, ter interesse pelas aulas e participam com perguntas e fazem observações. Assim como cita Prigol e Giannotti (2008, p. 3), uma das funções das aulas práticas é despertar e manter o interesse dos alunos, envolvê-los nas atividades, desenvolvendo a capacidade crítica dos estudantes, entender os conceitos teóricos de forma mais simples e ampliar suas habilidades.

Além disso, o professor busca contextualizar os conteúdos com a realidade local, por exemplo, citando fatos que ocorrem nas práticas agrícolas e que tenha haver com os conceitos de química ou física. Assim, essas disciplinas ficam mais próximas do cotidiano dos educandos. Em momento algum o professor deixou de trabalhar os conteúdos curriculares da escola do campo.

Esses estágios foram de grande relevância para minha prática docente, pois aprendi muito com cada um desses professores, mediante suas práticas pedagógicas. Não tenho dúvidas que esses conhecimentos contribuíram para a minha formação. Todos esses estágios serviram para a reflexão sobre os exercícios da docência, ou seja, aquilo que considero positivo em sala de aula e irei levá-los para minhas práticas docentes.

### **3.2 Aprendizado adquirido a partir do Estágio Supervisionado e com os professores do Curso Educação do Campo**

Durante o curso, de Educação do Campo tive a oportunidade de desenvolver os Estágios Supervisionados e por meio destes aprendi muito com os professores da educação básica da escola em que os realizei. Além disso, aprendi também com os professores universitários durante o curso. Me deparei com alguns desafios ao longo dos estágios em relação à docência, mas todos os desafios e aprendizados contribuíram para ampliar meus conhecimentos sobre a prática da docência.

Segundo Alheit e Dausien (2006, p. 1), ao longo da vida estamos aptos a aprender novas experiências, habilidades, competências, sendo que esses conhecimentos podem ser adquiridos nas escolas, nas universidades, em locais de formação, com vivência com outras pessoas, por meio de leituras, assistindo um jornal (televisão). Enfim, ao longo do percurso da vida estamos aprendendo algo novo.

Neste sentido, Arroyo (2008, p. 50) afirma também que o ser humano se educa e aprende a vida toda em qualquer lugar. A educação é conjunto de métodos formativos que podem ocorrer em vários lugares, como por exemplo: no trabalho, na produção, na família, escola e nos movimentos sociais. Portanto, a educação faz parte do ensino, um ensino como parte da formação humana. Em sua prática, o professor ensina ao mesmo tempo que aprende com os seus alunos. No curso, tive a oportunidade de aprender com os professores universitários e pôr em prática novas metodologias de ensino, intercalando prática com teoria.

Os estágios de regência de classe, neste contexto, são os momentos em que realmente se inicia a prática docente, demonstrando o quanto são fundamentais. Com eles aprende-se que ministrar aulas requer uma preparação maior, tanto de estudos e pesquisa, exige a elaboração de planos de aulas e a flexibilidade no planejamento, uma vez que boa parte deste planejamento era feito nos Tempos-Universidade, mas nem sempre era possível usá-los pois a dinâmica da escola exigia adequação.

Durante o estágio nas aulas da turma do 6º ano abordaram os seguintes temas: água como fonte de vida, as fases da água, o lixo (hospitalar, industrial, químico e orgânico). Nestas aulas utilizamos o computador e *Datashow* para apresentar esses conteúdos. Construimos materiais como cartazes, maquetes, mural e desenhos para serem expostos durante a Feira de Ciências, como podemos ver na imagem abaixo;

Figura 2 Alunos do 6º ano preparando materiais para a Feira de Ciências



Fonte: Arquivo pessoal outubro de 2016.

Os alunos da turma do 6º ano confeccionando cartazes sobre o tempo que alguns materiais levam para se decompor no meio ambiente. E assim montaram os cartazes com objetos como: lata de cerveja, garrafa pet, vidro, papel, chiclete e plástico, destacando a durabilidade de cada um desses itens. Os alunos ficaram surpresos com algumas informações como do vidro que o tempo é indeterminado para se decompor na natureza.

A Feira de Ciências foi um momento de aula prática na EMEF Boa Esperança organizada pelos estagiários do curso Educação do Campo. Isto foi possível pois naquele momento tinham quatro discentes para estagiar nesta escola, onde cada um ficou responsável por uma turma juntamente como o professor regente. Dessa forma, cada turma elaborou materiais conforme os seus assuntos e apresentarem para os demais alunos, professores, pais e as pessoas da comunidade local.

Figura 3 Apresentação dos alunos do 6º ano na Feira de Ciências



Fonte: Arquivo pessoal, dia 26 de outubro de 2016.

Diante da imagem acima podemos perceber a participação dos alunos da turma do 6º ano dos anos finais do ensino fundamental na Feira de Ciências. Na oportunidade eles apresentaram desenhos do poço d'água da comunidade e dicas para preservar a nascente. Assim também como fizeram um pequeno terraço para explicar o processo de filtração da água entre outros materiais. Esse momento de aula prática é fundamental para reforçar os conceitos estudados nas aulas anteriores.

Como afirmar Prigol e Giannotti (2008, p. 11), “aulas práticas são de vital importância para o aprendizado dos alunos, porque permitem que estes questionem a teoria e tirem as suas próprias conclusões”. As aulas práticas também ajudam os alunos a sair da rotina de sala de aula, conhecer outros ambientes, onde os alunos possam aprender com essas novas experiências.

No período dos estágios também visitamos uma nascente d'água da comunidade local, devido os conteúdos tratarem da importância e o ciclo da água. Foi interessante conhecer a nascente d'água que abastece a escola. Verificamos se o ambiente estava limpo, conservado e com árvores nas margens. É fundamental que esses alunos compreendam o quanto é importante manter preservada esta nascente para as próximas gerações.

Durante o estágio nas aulas de ciências da turma do 9º ano, desenvolvemos um trabalho em parceria com uma colega de estágio (Erica Cruz) e com os alunos, sobre as Leis de Newton. Durante as aulas mostramos exemplos do cotidiano onde a física está presente, de forma simples, para que eles pudessem identificar como essas leis estão presentes no cotidiano de forma que nem notamos.

Após este debate, organizamos a turma em três equipes, onde cada uma ficou responsável em apresentar uma Lei de Newton. O resultado da apresentação foi filmado e postado no Youtube, em que os alunos exemplificam as Leis de Newton com experiências, assim como amostra a imagem abaixo:

Figura 4 Apresentação dos alunos do 9º sobre as três Leis de Newton



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=dkoECUB4nrI&t=5s>, postado no dia 24 de abril de 2017.

Essa foi uma das equipes que fizeram um experimento com base na Terceira Lei de Newton Ação e Reação. Esses alunos usaram alguns materiais simples, como vela, prato, corpos, bandeja, isqueiro, água e garrafa pet para montar um experimento na disciplina de ciências. É importante filmar esse trabalho desses alunos, que poderá contribuir para outros alunos pesquisarem sobre esse assunto.

A prática da docência não é tão simples, demanda dedicação e esforço para buscar novas informações e criar novas metodologias conforme os conteúdos. O uso das Tecnologias de Informação de Comunicação (TICs) como ferramentas didáticas é interessante e contribui favorece, quando bem utilizadas, o aprendizado dos alunos.

De acordo com as autoras Martinho e Pombo (2009, p. 1), as TICs podem constituir um elemento valorizador das práticas pedagógicas, já que acrescentam, em termos de acesso à informação, flexibilidade, diversidade de suportes no seu tratamento e apresentação.

Além de favorecer a dinâmica das aulas, aulas práticas usando as TICs como recursos estimulam os alunos a participarem das mesmas. Por meio dessas ferramentas pode-se acessar diversas informações que possibilitam a ampliação de conhecimentos pois nem sempre todos os assuntos que se exigidos nas matrizes curriculares têm nos livros didáticos ou relacionam-se com o cotidiano dos alunos.

Como aluna em processo de formação essas experiências de salas de aulas são muitas válidas para minha profissão, como futura professora na área da Ciências da Natureza. “O professor completa sua formação com o conhecimento que advém da prática. Espere-se, sobretudo desse profissional, responsabilidade, compromisso com seus alunos, com a instituição e com os companheiros” (ROMANOWSKI, 2007, p 39).

Para a autora, o conhecimento vem também da prática do cotidiano do professor no contexto escolar, mas vai além disso: se aprende também com estudantes e com os colegas de trabalho. Porém, para que isso ocorra é necessário que o professor seja comprometido com sua profissão.

A partir do momento que ensino, aprendo também com os alunos, sejam eles pré-adolescentes, adolescentes, jovens e adultos. Como afirma Paulo Freire (1996, p. 23), “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Ao ministrar suas aulas, os professores aprendem com os relatos de vida dos alunos, seus valores, culturas e da mesma maneira, os educandos aprendem com os professores. Este aprendizado não se limita aos conhecimentos teóricos abordados em sala de aula.

Como relata Both (2008, p. 33); “na verdade, a aprendizagem é bilateral em que o professor e aluno aprendem, sendo o aluno o principal agente da aprendizagem centra se nele as atividades de ensino, respeitadas suas competências, capacidades e habilidades”. De fato, na sala de aula professor e aluno aprendem e juntos constroem novos conhecimentos. Portanto, para que o professor tenha bons resultados em sala de aula é necessário conhecer a turma, suas competências e habilidades.

Durante o estágio de regência os alunos questionam e fazem perguntas quando surgem dúvidas em relação aos conteúdos e também a outros assuntos que não tem a ver com os

conteúdos em destaque. Essas dúvidas dos alunos são interessantes porque a partir delas somos, na condição de educadores, estimulados a pesquisar, estudar sobre os conteúdos específicos da área de Ciências da Natureza, pensar e criar estratégias que sejam dinâmicas para ensinar esses alunos. Esses desafios são importantes para o meu crescimento profissional, pois, como afirma Paulo Freire (1996, p. 29):

Enquanto ensino continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (PAULO FREIRE, 1996, p. 29).

Segundo autor, o ato de ensinar requer conhecimentos e para isso tem que haver pesquisa, estudos, busca de novos conhecimentos e a partir desses fatores e que é possível ensinar e ensinando também aprender. O estágio de regência possibilita contato com esses conhecimentos, pois diante da necessidade de se ministrarem as aulas, o estagiário deve planejar, pesquisar e conhecer os conteúdos para depois ensinar. É necessário que este reflita sobre o que está ensinando, se de fato isto faz sentido para o aluno, assim como destacam as autoras Scalabrin e Molinari (2003, p. 4):

Assim, a prática docente deve ser refletida a cada dia, a cada atividade desenvolvida para que assim possa evoluir e contribuir para que o aluno tenha o embasamento necessário para ser cidadão atuante e possa melhor perceber o que irá enfrentar em sua carreira, tendo mais segurança e constituindo-se como professor (SCALABRIN E MOLINARI 2003, p. 4).

Para as autoras, se faz necessário que o professor tenha um momento para refletir acerca da sua prática pedagógica, pois sua função vai além de ensinar a ler, calcular e interpretar. O educador deve ensinar também a ser um bom cidadão. Segundo Arroyo (2008, p. 46), “quando se pensa em educação para atender a demanda dos povos do campo, vai muito além de ensinar a escrever, calcular e ler”. Portanto, deve-se pensar na educação além da leitura e redação, mas também em outros tipos de políticas públicas, que beneficiem as pessoas no campo, como afirma Caldart (2008 p. 22):

Pensar a educação desde ou junto com uma concepção de campo significa assumir uma visão de totalidade dos processos sociais; significa no campo da política pública, por exemplo, pensar a relação entre uma política agrária e uma política de educação; entre política agrícola, política de saúde, e política de educação, e assim por diante. E na dimensão da reflexão pedagógica significa discutir a arte de educar, e os processos de formação humana, a partir dos parâmetros de um ser humano concreto e historicamente situado.

Conforme discute a autora, a educação é um dos itens que compõem as políticas públicas que devem contemplar os moradores do campo. Políticas públicas que necessitam estarem ligadas aos contextos sociais desses sujeitos, como a regularização de terra, moradia,

busca por investimento para suas propriedades como financiamentos, apoios técnicos para melhorar suas produções, saúde de qualidade e educação. O aluno que reflete sobre estas questões se torna um cidadão mais crítico e independente.

Aprendi muito a partir de todas essas atividades realizadas no contexto escolar no período de estágios. Ser professor da educação básica requer paciência, para manter um bom relacionamento com os alunos, com respeito de ambas as partes e sempre manter o diálogo, e principalmente, doação.

Aprendi também que os professores podem ter autonomia de ensinar os conteúdos do currículo de forma contextualizada com a realidade local dos educandos. Isso requer conhecer esse aluno, respeitar seus saberes, identidade cultura e valores. Desse modo, as aulas ficam mais interessantes, os alunos ficam motivados a participarem, devido os conteúdos não ficam tão distantes do seu contexto, e realmente constrói-se um ambiente apto a aprendizagem.

### **3.3 Os desafios encontrados ao longo dos estágios**

Um dos desafios durante os estágios foi ministrar aula na turma de 9º ano devido à complexidade dos assuntos, uma vez que não tenho tanto domínio sobre os mesmos. Para trabalharmos o conteúdo era da disciplina de ciências (física) sobre ‘os movimentos dos Planetas e Sistema Solar’, utilizamos um programa *online* para apresentar os planetas, a distância de um para outro, a velocidade que se leva para um planeta dar a volta completa ao redor do Sol.

Porém, durante apresentação dessa aula, o professor regente contribuiu com alguns conceitos acerca do assunto. É interessante esse apoio do professor regente durante as aulas contribuindo para minha formação profissional. Os desafios são importantes porque a partir deles eu posso refletir sobre as minhas práticas pedagógicas, buscando alternativas para melhorar minhas aulas e aprimorar meus conhecimentos, tanto por meio de pesquisas quanto por reflexões acerca de minhas práticas pedagógicas.

Nas aulas do 9º ano na disciplina de ciências os assuntos são voltados para área de física e química. Como o meu domínio sobre esta área é um pouco menor, tive que buscar superar estas dificuldades, me dedicando ainda mais ao estudo e a preparação das aulas. Além disso, o desafio constitui-se em contextualizar esses conteúdos à realidade dos alunos, e em alguns momentos, isto foi inviável.

De modo geral, o desafio nos períodos de regência foi criar metodologias para motivar os educandos a participarem das aulas, tendo que levar em conta que são alunos de faixa etária diferentes e níveis de conhecimentos diferentes. No entanto, nós como futuros professores temos que pensar em metodologias que chamem atenção de todos independente de idade e nivelar os assuntos para que todos consigam apreender.

Durante os momentos de regência de classe tive a oportunidade de trabalhar com turmas de níveis de conhecimentos diferentes e dentro dessas turmas conviver com alunos que tem conhecimentos distintos uns dos outros. Uns dominam mais a área de exatas e outros a área de humanas, uns falam bem e outros já escrevem melhor, alguns alunos aprendem mais rápido e outros mais lentamente, ou seja, em cada turma há uma diversidade grande em relação aos conhecimentos, assim como observado por Romanowski (2007 p. 17):

A sala de aula é um ambiente de diversidade, uma vez que abriga um universo heterogêneo, plural em movimento constante, em que cada aluno é singular, com uma identidade originada de seu grupo social, estabelecidas por valores, crenças hábitos, saberes, padrões de condutas, trajetória peculiares e responsabilidade cognitivas diversas em relação à aprendizagem (ROMANOWSKI, 2007, p. 117).

Conforme discute a autora, na sala de aula há diferentes realidades, porque cada aluno é um ser único tendo sua maneira de ser, conhecimentos, cultura e seus valores próprios, os quais trazem do local onde vivem, no caso das famílias e comunidades. Portanto, em sala de aula esses saberes são compartilhados entre alunos e professores.

Portanto, não é simples fazer uma aula dinâmica, contextualizada, que prenda a atenção dos discentes, respeitando as realidades dos alunos e valorizando cada uma. Tudo isto requer preparo do futuro docente no seu momento de formação. A exemplo, o Curso Educação do Campo visa exatamente, ao formar novos professores, formar profissionais que conheçam as especificidades do campo e considerá-las em suas aulas, em seus planejamentos.

A formação inicial, porém, não é suficiente para dar conta de toda essa dimensão. Por isso, o professor precisa sempre estar em busca de novos conhecimentos, e isso pode ocorrer por meio de formação continuado. “O objetivo da formação continuada é melhorar o ensino, não apenas o profissional” (ROMANOWSKI, 2007, p. 130).

Como a autora relata acima, é a partir do momento que o professor tem oportunidade de aperfeiçoar suas práticas pedagógicas por meio de formações que isso reflete sobre suas aulas e conseqüentemente melhora a qualidade de seu ensino. O estágio permitiu nos vivenciar isso na prática e esses fatores foram importantes para ampliar meus conhecimentos acerca da regência de classe.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Curso Educação do Campo trouxe várias contribuições para minha vida profissional e pessoal, como o acesso a uma formação nas áreas de biologia, química e física. Além disso, me fez refletir outros pontos relevante, como os problemas que as escolas do campo enfrentam, que tipo de educação os sujeitos do campo almejam. Assim, também aprendi com a maneira desses professores ensinarem, os métodos e as didáticas usadas durante as aulas.

Os estágios no âmbito escolar servem também para uma reflexão sobre a docência, se de fato queremos atuar em sala como professores ou não, para não sermos profissionais que não se preocupam com a qualidade de ensino ofertado aos alunos. Constituem-se também como uma ocasião para refletirmos sobre como aprimorar nossa prática docente, melhorando a qualidade do ensino, seja na Escola do Campo ou na Escola da Cidade.

Todos esses estágios desenvolvidos na EMEF Boa esperança - disciplina de ciências - contribuíram de forma significativa para minhas práticas pedagógicas. Cada professor regente, com suas diferentes maneiras de lecionar, foram agentes importantes para minha formação, uma vez que o 'saber fazer' perpassa pelo 'saber observar, aprender e pôr em prática'.

Através de pesquisas, do estreitamento entre teoria e prática, refletimos sobre o significado de ser docente e podemos afirmar que o estágio supervisionado não é apenas algo necessário a ser cumprido nos cursos de Licenciatura, é algo essencial para o preparo do educador.

Ao longo dos estágios surgiram desafios, porém, esses contribuíram para meu crescimento profissional. São os desafios que encontramos que nos preparam para atuar em sala de aula. Por meio do estágio pode-se fazer uma reflexão sobre qual é o tipo de profissional que eu quero ser. Foram eles que nos permitiu vivenciar novas realidades e, desse modo, ampliar meus conhecimentos acerca da docência na área da Ciências da Natureza.

Enfim, todas essas experiências por meio dos estágios e do curso Educação do Campo foram o pontapé inicial para minha formação como professora de Ciências da natureza, mais não compreendem minha formação em sua totalidade partindo do pressuposto de que, como futura professora, tenho que estar sempre aberta a novos aprendizados, ser uma

eterna pesquisadora afim de sempre buscar metodologias que visem a melhoria do meu ensino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.1, p. 177-197, jan./abr. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022006000100011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000100011). Acessado em 2 de agosto 2017.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Os desafios da construção de políticas públicas para a educação do campo**. In: Cadernos Temáticos/Educação do Campo, 2, CURITIBA SEED/PR, 2008.

BONILLA, Maria Helena Silveira; HALMANN, Adriane Lizbehd. Formação de professores do campo e tecnologias digitais: articulações que apontam para outras dinâmicas pedagógicas e potencializam transformações da realidade. **Inter-Ação**, Goiânia, v.36, n.1, p 285-308, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/1504>. Acessado em 2 de julho 2017.

BORSSOI, Berenice Lurdes. **O estágio na formação docente: da teoria a prática, ação-reflexão**. In; 1º Simpósio Nacional de Educação XX semana da pedagogia. Unioeste, Cascavel, 2008. Disponível em: <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/1/Artigo%2028.pdf>. Acessado em 5 de julho de 2017.

BOTH, Ivo José. **Avaliação Planejada, Aprendizagem Consentida: é ensinando que se avalia, é avaliando que se ensina**. Curitiba: Ibplex, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental: **Parâmetros curriculares nacionais**; Ensino de 5ª a 8ª série; Brasília, MEC/SEF, 1998

BRITO, Glaucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. **Educação e novas tecnologias**. Curitiba; InterSaberes, 2011.

CALDART, Roseli Salete. **Elementos para construção do projeto político e pedagógico da educação do campo**. In: Cadernos Temáticos/Educação do Campo, 2, CURITIBA SEED/PR, 2008.

COSTA, Renata. **Planejamento: momento de repensar a escola**. 01 de Janeiro 2010 - 03:30. Disponível: <https://novaescola.org.br/conteudo/431/planejamento-momento-de-repensar-a-escola>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. Paz e Terra, São Paulo, 1996.

JANUARIO, Gilberto. **O Estágio Supervisionado e suas contribuições para a prática pedagógica do professor**. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E INVESTIGAÇÕES DE/EM AULAS DEMATEMÁTICA, 2, 2008, Campinas. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/MATEMATICA/Artigo\\_Gilberto\\_06.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/MATEMATICA/Artigo_Gilberto_06.pdf) . Acessado em 6 de julho de 2017.

PRIGOL, Sintia; GIANNOTTI, Sandra Moraes. **A importância da utilização de práticas no processo de ensino-aprendizagem de ciências naturais enfocando a morfologia da flor.** Cascavel; Unioeste, 2008. Disponível em: <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/1/Artigo%2033.pdf> Acesso dia 05 de julho de 2017.

MARTINHO, Tânia; POMBO, Lúcia. **Potencialidades das TIC no ensino das Ciências Naturais – um estudo de caso.** In: Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias Vol.8 N°2 (2009). [http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen8/ART8\\_Vol8\\_N2.pdf](http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen8/ART8_Vol8_N2.pdf).

MARSCHNER, Walter. Lutando e ressignificando o rural do campo – notas epistemológicas. Interações, Campo grande, v. 12, n 1, p.41 – 52, jan/jun.2011. Disponível em [www.scielo.org](http://www.scielo.org). Acesso: junho de 2014.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria de Socorro Lucena. **Estágio e docência: Diferentes Concepções.** Revista Poíesis – v. 3, números 3 e 4, p 5-25, 2005/2006. Disponível em: <http://docplayer.com.br/19257131-Estagio-e-docencia-diferentes-concepcoes.html>. Acessado em 6 de julho de 2017.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Formação e Profissionalização docente.** 3º ed. Curitiba: Ibpx, 2007.

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder. **A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas.** 2003. Disponível em [http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7\\_n1\\_2013/3\\_a\\_importancia\\_da\\_pratica\\_estagio.pdf](http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7_n1_2013/3_a_importancia_da_pratica_estagio.pdf) acessado dia 20/ 11/2017. Acessado em 7 de julho de 2017.

Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, **Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas.** (Secad/ Mec), Brasília: 2007.

ULINA, Edna Regina. Estágio Supervisionado: uma oportunidade de reflexão das práticas na formação inicial de professores de ciências. Disponível em: [www.pucpr/eventos/edurece2009-anai-pdf3377-1679](http://www.pucpr/eventos/edurece2009-anai-pdf3377-1679). Acessado dia 10 de outubro de 2017.

## 6 Anexos

Figura 1: Alunos da E.M.E. F. Boa Esperança do 9 ano.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 2: Alunos do 6º ano da Escola Boa Esperança



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.